

Síntese do relatório de investigação

# Teologia da comunidade abundante:

## A trabalhar para atingir a sustentabilidade ambiental e económica (SAE)



▣ Residentes na comunidade de Palung (Nepal) que beneficiaram da represa que construíram. Fotografia: Matthew Joseph/Tearfund

“Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.”

Romans 12:2

Para compreendermos qual é a vontade de Deus, precisamos de mudar radicalmente o nosso modo de pensar. Isto é especialmente importante quando tentamos encontrar respostas apropriadas para as crises ambiental e económica que nos assolam. Para pensarmos correctamente sobre a ganância e a desigualdade que estão a destruir o nosso planeta e a ceifar vidas, necessitamos de **repensar o que significa ser um ser humano no mundo.**

Este é especialmente o caso se formos propensos a ter uma noção individualista, contrária à Bíblia, da nossa natureza humana. O que a Tearfund propõe é que, pelo contrário, olhemos para nós próprios como membros de comunidades abundantes que vivem em harmonia uns com os outros e com o planeta, precisamente porque adoptámos a visão de Deus para a nossa humanidade.

tearfund

## A crise ambiental e a natureza humana

A visão que temos de nós próprios como seres humanos é o que está na origem de muitos dos nossos desafios ambientais e económicos. Muitos têm sugerido que a nossa crise ecológica é, em grande parte, resultado de uma convicção de que, como seres humanos, temos o direito de explorar e dominar o nosso planeta. A destruição ecológica ocorre quando nos vemos a nós próprios como inteiramente distintos do resto da criação, situados acima dela como uma espécie de colosso, capazes de usar o mundo de qualquer que seja a forma que melhor sirva os nossos interesses. Esta ideia levou-nos à beira da catástrofe ambiental.

Contudo, ao mesmo tempo, alguns parecem ir demasiado longe no sentido contrário, sugerindo que não deve ser feita qualquer distinção entre os seres humanos e o ambiente natural - concluindo que somos simplesmente mais uma parte do reino animal. Isto é também um erro, visto que a Bíblia nos diz que apenas nós somos criados à imagem de Deus. Por isso, parte do repensar que necessitamos de fazer consiste em examinar mais atentamente como nos relacionamos com o resto da criação. É óbvio que não somos chamados a dominar, mas tão pouco somos nós apenas mais uma criatura entre muitas outras. **Quem somos nós, então?**

## Sobrevivência do mais forte

Em paralelo, um determinado tipo de pensamento económico com origem no Ocidente persuadiu muitas pessoas de que, fundamentalmente, somos indivíduos em competição, uns com os outros e com o planeta. Neste quadro de pensamento, a única forma de sobreviver é tendo mais sucesso que os outros, incluindo nestes o reino animal: acumular e consumir mais do que os outros e, certamente, mais do que o necessário.

Existe uma escultura infame – a *Sobrevivência do Mais Gordo* – que mostra um jovem faminto de origem africana a carregar aos ombros uma mulher ocidental muito corpulenta. Foi criada para representar as desigualdades de riqueza que afligem o nosso mundo. A inscrição na escultura diz: “Estou sentada às costas de um homem. Ele afunda-se sob o meu peso. Eu faria tudo para o ajudar. Excepto apertar-me, deixando as costas dele.” A pessoa que está por cima segura uma balança, o que sugere que pensa estar a viver de modo justo quando, na verdade, não está. Esta mentalidade pode ser um verdadeiro perigo para muitos de nós. A questão é: **há outra maneira de pensar sobre o que significa ser humano?**

Ambas estas questões podem ser consideradas matérias de antropologia teológica. Têm a ver com o modo como nos vemos a nós próprios como seres humanos à luz da nossa relação com Deus.

## Repensar a nossa humanidade

Numa série de consultas, perguntámos a parceiros, colegas e representantes de toda a África, Ásia e América Latina o que pensavam dos desafios ambientais e económicos que temos à nossa frente.

A resposta que ouvimos com mais frequência foi que precisamos de repensar o que significa ser humano.

## Comunidade e interdependência

A consulta que teve lugar na América Latina falou da nossa necessidade de desenvolver “uma visão da vida integral e comunitária. Assim, se a criação for afectada, todos serão afectados; e se um ser, vivo ou não vivo, for afectado, toda a criação será afectada.”<sup>1</sup> Desafiaram-nos a adoptar “uma vida de comunidade e interdependência, em contraste com o individualismo e a instrumentalização”, que são característicos do Ocidente.<sup>2</sup>

A teóloga nicaraguense Blanca Cortés disse:

*“Necessitamos de um novo modo de entender... que abra as portas para uma existência com novos comportamentos e novas formas de aprendizagem. E, apesar de isto parecer demasiado difícil de alcançar, não podemos duvidar da nossa capacidade de amar e de nos envolvermos na teia da vida que recebe todos os imigrantes e crianças, as flores e os rios. Há sempre algo dentro de nós que nos faz sentir associados, interligados e interdependentes.”<sup>3</sup>*

## Abundância e harmonia

De modo semelhante, a consulta realizada em África disse que “A promessa de Jesus é a de uma vida abundante que produz *shalom*: um estado profundo de relações saudáveis, baseadas na harmonia, entre Deus e os seres humanos, no seio da ordem criada e entre os seres humanos.”<sup>4</sup> Esta ideia tem talvez a sua melhor representação no conceito banto de *ubuntu*. O relatório *Abundant Africa* (África Abundante) iniciado pela Tearfund disse:

*“Todos os seres humanos são interdependentes. Somos humanos porque pertencemos à nossa sociedade, participamos nela e partilhamo-la ... Ubuntu inclui cuidar dos ecossistemas naturais de que somos uma parte inteiramente dependente ... Ubuntu significa que a nossa abundância, enquanto africanos, depende do melhoramento das nossas comunidades e do ambiente e promovê-lo é, portanto, de importância vital para combater a pobreza, os conflitos políticos, a injustiça e os desafios ambientais. Isto pode ser feito mostrando empatia para com outras pessoas, partilhando recursos comuns e trabalhando em colaboração para resolver problemas comuns.”<sup>5</sup>*

1 Uribe, Pilar, p. 20, 2020. *Construction of a theological framework for environment, economy, and sustainability in Latin America and the Caribbean*, Teddington: Tearfund.

2 Uribe, p. 137, 2020.

3 Uribe, p. 129, 2020.

4 Anderson, Valerie e Graham McGeoch, p. 40, 2020. *Exploring theologies of environmental and economic sustainability in Africa*, Teddington: Tearfund.

5 Giljam, Miles et al, p. 20, 2021 [Abundant Africa: our decade to shape the African century](#).





❏ **Membros de um projecto de empreendedorismo de mulheres em Cajamarca, Peru, mostram os seus trabalhos de tecelagem tradicional que vão vender no mercado. O projecto visa melhorar os meios de subsistência das mulheres nesta comunidade indígena.** Fotografia: María Andrade/Tearfund

## A razão de ser da vida é o amor

O motivo pelo qual esta nova antropologia é importante é que ela vai ao cerne de como tratamos o planeta e nos tratamos uns aos outros. O problema fundamental é que passámos a ver os outros indivíduos e os bens do mundo natural como recursos a explorar e não como os nossos próximos e amigos que somos chamados a amar. Mas, tal como as Escrituras acentuam repetidamente, **a razão de ser da vida não é competir, mas sim amar** (Filipenses 2:1-5).

## Dois mentalidades: duas abordagens

Um modo em particular pelo qual estas ideias se tornaram patentes, e que foi destacado pelos nossos parceiros em África, na Ásia e na América Latina, foi o contraste entre um conceito de escassez e o conceito de abundância.

A maneira mais fácil de explicar esta diferença é observando o fenómeno de compras desencadeadas pelo pânico. Quando vivemos com uma mentalidade de escassez, temos constantemente a preocupação de que não venha a haver quantidade suficiente de algum recurso específico para as nossas necessidades e, por isso, consumimos e armazenamos tanto desse recurso quanto possível, por medo de que se esgote.

Por contraste, quando vivemos com uma mentalidade de abundância, a nossa preocupação é de que não venha a haver quantidade suficiente de algum recurso específico para as outras pessoas e, por isso, consumimos e armazenamos tão pouco desse recurso quanto possível, para assegurar que haverá o suficiente para todos.

Crucialmente, quer a nossa mentalidade seja de escassez ou de abundância, a quantidade real do recurso existente não se altera: o que muda é até que ponto estamos dispostos a partilhá-lo com outros ou a deixá-lo para eles. Muitas comunidades indígenas deixam intencionalmente parte da produção da floresta, não apenas para as outras pessoas,

mas também para os animais. Tal comportamento, que reflecte as leis da ceifa do Velho Testamento (Levítico 19:9-10), contrasta claramente com a sobreexploração que caracteriza demasiadas das nossas indústrias madeireira, de pescas, de agricultura e de extracção. Essa sobreexploração é, essencialmente, o fenómeno de compras desencadeadas pelo pânico, mas a uma escala industrial e, até, global. O problema com que nos defrontamos é que, numa parte do mundo demasiado vasta, e especialmente no Norte Global, esta mentalidade de escassez passou a ser considerada a norma.

## A nossa casa comum

Em vez de uma mentalidade em que nos vemos como indivíduos em concorrência a viver num ambiente escasso, **deveríamos, antes, adoptar a verdade teológica de que podemos viver como comunidades abundantes em que a cooperação e a colaboração são a norma.** Crucialmente, esta nova mentalidade aplica-se às nossas relações uns com os outros, com o planeta e com nós próprios e tudo porque estas relações são definidas pela nossa relação com Deus.

Nesta abordagem, começamos com a convicção de que a boa Terra de Deus produz recursos suficientes, se não mesmo abundantes, para que todos prosperem. Reconhecemos que, se todas as pessoas consumissem tanto como o ocidental médio, não seria este o caso, mas, no Ocidente, nós consumimos muito para além das nossas necessidades. Consequentemente, o mundo tem o suficiente desde que partilhemos mais equitativamente os recursos que Deus nos deu. Empenhamo-nos nessa partilha porque nos vemos a nós próprios como um povo em relacionamento uns com os outros e com a Terra. Compreendemos que aquilo que possamos adquirir não nos pertence unicamente a nós, como indivíduos ou como seres humanos, nem vemos o planeta simplesmente como um recurso que podemos consumir e açambarcar como quisermos.

Partimos, antes, do princípio de que **os bens desta Terra fazem parte da nossa casa comum e, portanto, pertencem a todos, incluindo os animais com os quais coabitamos neste espaço.** Deste modo, reformulamos o nosso pensamento, vendo-nos a nós próprios como membros de um agregado familiar e não como concorrentes num mercado. **Partilhamos em vez de competir porque temos um entendimento diferente de quem somos, como seres relacionais criados à imagem de Deus.**

## Indo mais a fundo

O relatório completo demonstra os fundamentos bíblicos e teológicos desta abordagem e sugere que estas ideias deveriam ser a base da nossa teologia de sustentabilidade ambiental e económica (SAE). Foi profundamente influenciado pelos contributos das regiões mais afectadas pelas consequências dos danos ambientais e da desigualdade económica. Essa teologia pode ser sintetizada na ideia de que a nossa identidade em Cristo é a de uma comunidade abundante, formada na relação com Deus, uns com os outros, com nós próprios e com o resto da criação.

**Esta visão diferente da nossa identidade leva-nos a comportarmo-nos na nossa casa comum em conformidade com a mentalidade de um agregado familiar e não de um mercado competitivo. Isto significa que partilhamos e cuidamos em abundância, não apenas a nossa riqueza, mas também o nosso poder, as nossas vozes e as nossas vidas, porque guardamos os nossos tesouros nas vidas e no bem-estar do nosso próximo global e do mundo natural que Deus providenciou.**

Nada disto pretende sugerir que não há lugar para mercados comerciais reais, mas o que se propõe é que a dinâmica relacional do agregado familiar constitua o valor de base desses mercados. Eles deveriam caracterizar-se pela consideração e cooperação mútuas e não pela concorrência e exploração.

## O nosso verdadeiro papel

O que mais importa é que estas relações sejam determinadas pela nossa relação principal com Deus. É Deus, e ninguém mais, quem define quem somos e como nos devemos relacionar. Na esfera ambiental, isto significa que adoptamos o entendimento de que, apesar de fazermos parte da comunidade da criação, temos um papel distinto a desempenhar nessa criação.

Esse papel distinto não é o de explorar, mas sim o de amar, servir e assumir responsabilidade. Na esfera



☞ **Uma participante no projecto de Escolas de Campo para Agricultores, perto da cidade de Warawar, no Sudão do Sul, que recebeu sementes para culturas como sorgo, gergelim e abóbora, e em que foram também ensinadas boas práticas de agricultura para melhorar a qualidade e quantidade das culturas.** Fotografia: Will Swanson/Tearfund

económica, significa que não consideramos os nossos bens ou a nossa riqueza como pertencendo-nos a nós, mas sim como pertencendo a Deus e ao nosso agregado familiar global. A nossa atitude é, portanto, que muita da riqueza que detemos pertence realmente àqueles que são economicamente pobres - quando partilhamos, estamos simplesmente a devolvê-la a eles e a Deus.

**O que propomos é que o nosso verdadeiro papel como seres humanos exige que pensemos de modo diferente sobre nós próprios, e que vivamos depois de modo diferente com as outras pessoas e com o planeta. Que partilhemos mais abundantemente e com maior generosidade. Que, colectivamente, pisemos com maior leveza a Terra. Que açambarquemos e consumamos menos. E que reconheçamos que vivemos numa comunidade abundante da criação, em que o amor – e não o domínio – está presente em tudo o que fazemos.**

**Este documento é uma versão resumida do relatório completo que se encontra disponível no endereço [learn.tearfund.org/abundant-community](https://learn.tearfund.org/abundant-community)**

### learn.tearfund.org

Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido  
☎ +44 (0)20 3906 3906 ✉ [publications@tearfund.org](mailto:publications@tearfund.org)

Sede registada: Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE. Registada na Inglaterra sob o n.º: 994339. Uma companhia limitada por garantia. Instituição beneficente n.º 265464 na Inglaterra e no País de Gales e n.º SC037624 na Escócia. J730-AF-P (1222)

**tearfund**